

# SOCIEDADE E INDIVÍDUO: A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS

Juceli A. Silva<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo trata da construção conceitual da sociologia configuracional de Norbert Elias ao longo de suas principais obras. O autor é reconhecido por seus pares como um intelectual influente do século XX. A metodologia selecionada para coleta de dados foi a Revisão Narrativa da Literatura de textos acadêmicos a respeito dos conceitos de sociedade, indivíduo, *habitus* e configuração. Constatou-se que o autor esteve comprometido com a superação dos pensamentos mistificados e fantasiosos através da observação realista dos fatos. Para Elias, a teoria e empiria são complementares na pesquisa sociológica. Fundamentando-se em suas elucubrações, é possível concluir que as sociedades são constituídas por indivíduos ligados por teias de interdependências dos mais variados níveis. O indivíduo e a sociedade são conceitos indissociáveis, ambos coexistindo.

Palavras-chave: Sociedade. Indivíduo. *Habitus*. Sociologia Configuracional. Norbert Elias.

## Society and individual: configurational sociology of Norbert Elias

## Abstract

The article is about the conceptual construction of configurational sociology of Norbert Elias throughout their main works. The author is recognized by his peers as an influential intellectual of the twentieth century. The methodology selected for the collection of data was the Narrative Review of Literature of academic texts about the concepts of society, individual, *habitus* and configuration. It was found that the author was committed to overcoming mystified and fanciful thoughts through a realistic observation of the facts. For Elias, theory and empiricism are complementary in sociological research. Basing on their elucubrations, it is possible conclude that societies are individuals connected by webs interdependencies of various levels. The individual and society are inextricably linked concepts, both coexisting.

Keywords: Society. Individual. *Habitus*. Configurational Sociology. Norbert Elias.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Cognitivo-Comportamental. Mestra e doutoranda em Sociologia Política pela UFSC. Bolsa CAPES.

## Introdução

A sociologia é uma forma de conhecimento que teve início no século XIX e nasceu para auxiliar o ser humano nas respostas às suas questões, neste caso: históricas e sociais. Ao mesmo tempo em que é influenciada por elas, ajuda a identificá-las (SELL, 2006). Para o sociólogo alemão Norbert Elias (1897–1990) “[...] a sociologia trata dos problemas da sociedade e a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um de seus membros” (ELIAS, 2008, p. 13). Neste sentido, reconhece-se que Norbert Elias foi um dos autores contemporâneos que analisaram as relações sociais procurando integrar os conceitos de indivíduo e sociedade (CERRI; SILVA, 2013)<sup>2</sup>.

Filósofo por formação, Elias se direcionou para a sociologia. Atribuiu esta mudança “[...] a circunstâncias de caráter pessoal – o horror da guerra e a repulsa pela forma como a filosofia era praticada, longe das realidades sociais” (CERRI; SILVA, 2013, p. 173). Nascido em uma família judia abastada, Elias lutou na Primeira Guerra Mundial. Porém, com o crescimento dos nacional-socialistas, deixou a Alemanha na década de 1930 onde, posteriormente, sua mãe morreria no campo de Auschwitz. Sugere que o pai, que sempre se considerou um “verdadeiro prussiano”, não aceitando os acontecimentos da ascensão nazista, faleceu (ELIAS, 2001). O reconhecimento pelas contribuições de seus trabalhos não foi imediato (ELIAS, 2008; CERRI; SILVA, 2013). Apesar disso, atualmente, Elias é considerado um dos intelectuais de maior influência do século XX (CERRI; SILVA, 2013).

A preocupação de Norbert Elias com a necessidade de se reordenar a compreensão da sociedade, superando o pensamento dicotômico e ou atomizado, perpassa ao longo de todo seu trabalho (ELIAS, 1990, 1993, 1994, 2000, 2008). Em “Introdução à sociologia” (2008), o autor considera que é preciso substituir a concepção tradicional desse modelo pelo entendimento de que as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos e variados tipos, tais como famílias, escolas, cidades, camadas sociais ou Estados. O autor nos leva a pensar a sociedade e a relação com os indivíduos sem a existência de uma barreira que os separe, todos somos interdependentes segundo sua concepção. Para que possamos compreender a sociologia, “[...]”

---

<sup>2</sup> Também os apresentadores de suas obras, fazem-no semelhantes referências: Renato Janine Ribeiro (ELIAS, 1990, 1994), Reinhard Bendix (ELIAS, 2008), Frederico Neiburg (ELIAS; SCOTSON, 2000).

temos que estar conscientes de nós próprios como seres humanos entre outros seres humanos” (ELIAS, 2008, p. 16).

Assim, essa pesquisa se propõe a expor a sociologia configuracional desenvolvida por Norbert Elias ao longo de sua vida, no qual o autor se dedicou aos conceitos de sociedade, indivíduo, *habitus* e configuração, que estão presentes em suas obras. Para que os objetivos dessa pesquisa fossem alcançados, a sua fundamentação teórico-metodológica foi desenvolvida através da Revisão Narrativa da Literatura do autor e dos respectivos conceitos. A escolha deste autor e de suas respectivas obras se deu pelo reconhecimento de suas contribuições junto a seus pares e por se mostrar coerente a responder ao objetivo proposto (CERRI; SILVA, 2013). O ponto de partida desse artigo é a compreensão do pensamento de Norbert Elias enquanto parte do momento histórico ao qual viveu. A segunda parte contempla sua visão sobre indivíduo, sociedade e *habitus*. Após, adentra-se na sociologia configuracional. Para concluir, apresenta-se algumas considerações finais.

### Norbert Elias: compreendendo seus pensamentos

No conjunto da obra eliasiana, os dois volumes de “O processo civilizador” (ELIAS, 1990, 1993) são peças importantes para o entendimento de seu pensamento. No volume I “Uma história dos Costumes”, Elias (1990) nos apresenta – a partir do desenvolvimento dos modos de conduta especialmente a partir do século XVI – como os ‘homens’ ocidentais se tornaram educados e gentis segundo seus costumes. No volume II, “Formação do Estado e Civilização”, (ELIAS, 1993), o autor analisa as diversas condições em que emergiram essas mudanças nas teias de interdependências dessas sociedades europeias.

Instigado pela não existência de um padrão comportamental “natural” ao ‘homem’, Elias se debruça sobre as lentas mudanças históricas que passam a ocorrer após a idade média no que diz respeito à violência, ao comportamento sexual, às funções corporais, à tiqueta à mesa e formas de discurso que, com o crescimento do domínio de sentimentos como “vergonha” e “nojo”, incorporam novas formas de agir (KOURY, 2013). Elias se utilizou de dados históricos analisando manuais de etiqueta e códigos e tratados de conduta e comportamento, para compreender como os conceitos de “cortesia”, “civildade” e “civilização” foram se expandido pela Europa. Observou como o *habitus* social era

modelado<sup>3</sup> (KOURY, 2013). Em uma de suas passagens, ele destaca: “quando assoar o nariz ou tossir, vire-se de modo que nada caia em cima da mesa.” (ELIAS, 1990, p. 147). Koury (2013) enfatiza que para Elias o cotidiano dos indivíduos se vinculava a padrões de experiência e vivência de sentimentos, como vergonha e delicadeza, em uma ordem moral que estrutura as emoções individuais conforme a diferenciação das funções sociais coercitivamente.

Elias (2000, 2008) também se dedica a tratar sobre padrões sociais coercitivos em outras obras. Para o autor, “o constrangimento característico que as estruturas sociais exercem sobre aqueles que as formam é particularmente significativo”. (ELIAS, 2008, p. 16). Em “Os estabelecidos e os outsiders” (2000), ele e John Scotson observam durante uma pesquisa realizada na década de 1950 que, através de “focofocas elogiosas” ou “depreciativas”, o comportamento dos(as) cidadãos(ãs) da pequena comunidade de operários ingleses de Winston Parva<sup>4</sup> também ia se moldando.

A análise sociológica de Norbert Elias (1990, 1993), ao descrever os processos civilizadores que ocorreriam nas sociedades europeias, pode ser considerada como uma tremenda dedicação teórica em busca de compreender as sociedades como teias ou redes de interconexões as quais todos os indivíduos são interdependentes. Estas teias ou redes, definidas por ele como “configurações” que se encontram em constante mudança, movendo-se tanto de maneira “civilizada”, quanto “incivilizada” e ambos, tendo a possibilidade de estarem ocorrendo simultaneamente em uma mesma sociedade e cultura em um mesmo momento histórico.

Neste sentido, um exemplo dessa situação é apresentado pelo autor no Volume I (1990), ao descrever os diferentes movimentos que ocorriam na Europa do século XVIII, onde os franceses haviam assumido a responsabilidade pela disseminação do seu construto civilizatório para todo o mundo, este era o seu ideal. A aristocracia alemã já havia sucumbido a este ideal, porém, seus movimentos burgueses eram totalmente contrários a ele e, mesmo que a palavra “*zivilisation*” tivesse valor para eles, propuseram que a palavra “*kultur*” os definissem. Assim, “a palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-

---

<sup>3</sup> Apenas para fins de registro, cabe informar que o sociólogo francês Pierre Bourdieu foi outro importante estudioso do século XX que se dedicou a fazer elucubrações a respeito do conceito de *habitus*. Apesar de terem algumas semelhanças, o conceito para Bourdieu possui outras conotações (BOURDIEU, 1989).

<sup>4</sup> Trata-se do nome fictício dado ao local de estudo dos autores.

lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*" (ELIAS, 1990, p. 24).

Ao longo dos dois volumes Elias (1990, 1993) discorre a respeito da mudança comportamental enquanto uma mudança civilizadora. Onde, o "autocontrole" dos indivíduos passa a ser exigido e complexificado por redes de conexões sociais desenvolvidas por uma autopercepção psicológica, mas também, apreendido por via de um elaborado e mais complexo *habitus* das respectivas sociedades e momentos históricos ao qual faziam parte.

### Sociedade, indivíduo e o *habitus*

Aprofundando a incursão ao pensamento eliasiano, Elias e Scotson (2000), compreendem que a polaridade disciplinar estabelecida entre indivíduos e sociedade é fictícia. Para eles, os "[...] pressupostos teóricos que implicam a existência de indivíduos ou atos individuais sem a sociedade são tão fictícios quanto outros que implicam a existência de sociedades sem os indivíduos" (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 182). Para Elias (1994), nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro. Um não pode existir sem o outro, nem um se pertence, ambos coexistem. Sem indivíduo não tem sociedade, sem sociedade não tem indivíduo.

Elias (2008) considera o conceito de indivíduo como um dos mais "confusos" da sociologia. Neste sentido, o autor critica o individualismo metodológico assumido por Weber (1999), que foi crucial para a compreensão de seu conceito de Estado como uma "[...] relação de dominação de homens sobre homens [...]", na qual os dominados submetem-se à autoridade invocada pelos dominantes (WEBER, 1999, p. 526). A crítica de Elias (2008) é construída, neste sentido, no fato de que a "[...] pessoa está em constante movimento; ela não só atravessa um processo, ela é um processo" (ELIAS, 2008, p. 129). Para o autor, o indivíduo é dependente de outros, mesmo que seja seu desejo ser independente dos outros. Esses ideais de independência são confundidos com os "fatos", afinal "esta pessoa estática é um mito." (ELIAS, 2008, p. 131).

Quanto aos questionamentos sobre o conceito de sociedade, Elias se dedica a eles tanto na primeira quanto na segunda parte de "A sociedade dos indivíduos" (ELIAS, 1994, p. 14 e 64). O autor nos provoca a pensar sobre os usos da palavra "sociedade", perguntando-nos a respeito do que se entende por sociedade quando esta é dita em um diálogo. Seguindo este pensamento, ele

nos faz refletir que se a sociedade é nada mais nada menos que uma porção de pessoas juntas, uma porção de pessoas juntas na Índia, na China, na América, na Grã-Bretanha são iguais? A sociedade europeia do século XII é igual a sociedade europeia do século XVI ou XX? Ele nos conduz a concluir que não.

Compreendendo que “a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa” (ELIAS, 1994, p. 21), conclui, neste sentido, que certamente não somos bons uns com os outros. A vida em sociedade possui “contradições”, “tensões” e “explosões”. Neste “turbilhão”, mesmo a maioria das pessoas não se conhecendo, existe uma “ordem invisível” que faz com que cada pessoa ocupe um determinado lugar (ELIAS, 1994). Há, portanto, uma ordem invisível que, por meio dessas “teias humanas”, onde as pessoas estão ligadas entre si, são oferecidas ao indivíduo possibilidades limitadas de opções para se comportar. Para definir o que é sociedade, ele explica que:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 24).

Dessa forma, os indivíduos estão ligados uns aos outros por sua “natureza humana”, onde as sociedades se estruturam em suas origens, da mesma forma como ocorre com as crianças que nascem nas sociedades. Cada criança desenvolverá a “estrutura da consciência” da sociedade e do século no qual viveu, assim, cada indivíduo adulto é resultado da sociedade em que vive (ELIAS, 1990, 1994, 2008). A natureza humana é paradoxalmente central e inalterável nas sociedades e é, ao mesmo tempo, mutável por natureza. Assim, compreende-se que, por exemplo, “os padrões de comportamento de uma criança não só podem mas devem evoluir muito por meio da aprendizagem, se é que a criança pretende sobreviver” (ELIAS, 2008, p. 118-119).

O conceito de *habitus* abordado pelo autor significa a configuração social dos indivíduos. É uma espécie de saber social incorporado pelos indivíduos ou, uma “segunda natureza” do indivíduo em sociedade (ELIAS, 1994). A identidade “eu-nós” é parte

constituente “[...] do *habitus* social de uma pessoa e, como tal, está aberta à individualização. Essa identidade representa a resposta à pergunta ‘Quem sou eu?’ como ser social e individual.” (ELIAS, 1994, p. 152) A compreensão do “*habitus* social” nos permite “escapar” dos reducionismos do “isto/ou aquilo” que costumavam estar envolvidos nas discussões sociológicas de sua época.

A construção conceitual do conceito de *habitus* dentro dessa compreensão é realizada através da ideia de uma espécie de “balança nós-eu”, utilizada como instrumento para observação sociológica. Essa “balança nós-eu” nos indica sempre um equilíbrio tenso e frágil na relação entre indivíduo (eu) e sociedade (nós). Permite a compreensão da rede humana como um *continuum* em permanente mudança e conservação, de maneira simultânea e contraditória. Leva-nos a observar a sociedade como um combinado de interdependências entre os indivíduos em desenvolvimentos indeterminados e composto por jogos e alianças entre os seus membros. Elias compreende também que esses movimentos interacionais em redes humanas de ação nunca satisfazem a um projeto individual ou coletivo determinado, os seus resultados não podem ser premeditados por eles.

O *habitus* para o autor pode mudar com o tempo, assim, as vivências de um indivíduo também ocorrem em momentos de modo lento e em outros de modo acelerado; assim, novos *habitus* vão sendo incluídos, seja somando-se, seja através de pequenas ou abruptas mudanças. Evidentemente, eles sempre vão sendo incorporados perante uma significativa dose de tensão e resistência (ELIAS, 1994, 2008). Para Koury (2013) o *habitus* é um conceito central na obra de Elias, que é resultado das configurações e do equilíbrio de tensões entre as pessoas que vivem, ou seja, o resultado do equilíbrio das relações de poder que ocorrem nas relações humanas em sociedade.

Como se em uma “ordem invisível” da vida em comum, os indivíduos se encontram em movimento criando um “tecido de relações móveis” (ELIAS, 1994). Neste movimento, afirmam o social (nós) e a individualidade (eu) de cada ser humano em sociedade. Assim, o processo de individualização é dependente da rede de relações sociais que conformam a estrutura da sociedade onde a pessoa está inserida. A individualidade (eu), dessa maneira, é singular a cada sociedade e a autoimagem individual será um reflexo das relações que se produz junto aos outros. Assim, compreende-se também que, a autoimagem expressa a singularidade da conformação histórica do indivíduo, como também, das suas relações (ELIAS, 1994).

Para Elias (1994), a sociedade possui divisões entre as funções, pois, o autor compreende que quanto maior for a divisão em uma sociedade, mais as pessoas estarão ligadas umas as outras. A vida somente se mantém possível através dessa existência social, afinal, a história sempre será a história de uma sociedade, mas de sociedades de indivíduos.

A partir do século XVII, o conceito de indivíduo passou a ter a função de expressar que em determinadas situações, todo indivíduo é único, possuindo a sua “peculiaridade”. Criticamente Elias avalia que, por outro lado, o conceito de sociedade, até a Segunda Guerra Mundial, era entendido pela tradição sociológica como sendo dicotomizado, referindo-se “[...] implicitamente, às sociedades organizadas como Estados, ou talvez como tribos” (ELIAS, 1994, p. 135). Isso significava que os sociólogos compreendiam que havia incômodas “fronteiras” entre uma sociedade e outra e que também coincidiam com fronteiras estatais. Ortiz (2012, p. 19), compreende que a “crise” do conceito de Estado-Nação ocorre por este ter se tornado “[...] insuficiente para se compreender a abrangência da modernidade-mundo.”

Norbert Elias (1994) explica a construção das noções de indivíduo e sociedade a partir de um processo de desenvolvimento da humanidade, desde a era primitiva, medieval, até o período contemporâneo. Compreende que os conceitos se aprimoraram com o passar dos séculos, juntamente com as mudanças que foram observadas nas relações entre indivíduo e sociedade. Define que cada indivíduo possui sua identidade – “eu”, e sua identidade – “nós”, em algumas sociedades e dependendo do tempo, uma prevalece mais que a outra.

Nos países considerados “em desenvolvimento”, Elias (1994) observa que as pessoas estão mais ligadas à família, ou a identidade – “nós”, por outro lado, nos países ditos desenvolvidos, possuem sua individualidade mais acentuada, ou seja, são mais conectados a sua identidade – “eu”. O autor não assume o conceito de país “em desenvolvimento” sem abordá-lo criticamente, ele questiona se os países ditos “desenvolvidos” também não estão em constante desenvolvimento. Para o autor, o homem contemporâneo, involuntariamente, sem perceber coloca uma barreira entre ele e o que considera como sendo o homem “primitivo” quando se utiliza de expressões como “homem das cavernas”, vendo-se como alguém melhor devido ao conhecimento por ele obtido.

Elias constata que somente poderemos fazer justiça ao “caráter multiperspectivacional” das interconexões sociais se tivermos uma



estrutura relativamente precisa de tais relações, como é fornecida pelo modelo de pronome. Para o pesquisador, “[...] a sociologia deve atender tanto à perspectiva da primeira como da terceira pessoas” (ELIAS, 2008, p. 139). Essas configurações mudam, podendo hoje distinguir o “nós” do “eles” e em outro momento, tornar, aqueles que eram “eles” em “nós”.

A imagem do homem que precisamos para o estudo da sociologia não pode ser a da pessoa singular, do *Homo Sociologicus*. Tem que ser antes a de pessoas no plural; temos obviamente que começar com a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente. [...]. É provável que nunca compreendamos os problemas da sociologia se não conseguirmos ver como pessoas entre outras pessoas, envolvidas em jogos com os outros (ELIAS, 2008, p. 132).

Dessa maneira, somente compreenderemos os problemas da sociologia quando passarmos a nos ver enquanto pessoas em constantes relações com outras pessoas. A utilização dos pronomes pessoais [eu, tu, ele, ela, nós, vos] nos permite representar os mais variados tipos de sociedades. Elias (1994) nos explica que o pronome “eu” somente pode existir em relação aos outros, como parte integrante de um grupo. Estas relações, ou seja, o “eu”, sempre dependerá da perspectiva. Do lugar de quem fala, de como o grupo compreende a linguagem. Eles não são estáticos. A linguagem se mostra um fator fundamental para o entendimento dos fenômenos sociais propostos neste estudo.

Assim, ao estudar as sociedades, precisamos olhar para além dos conceitos estáticos. Faz-se necessário observar os processos de longa duração, assim como as “funções sociais” olhando para aqueles(as) que as formam. Deste ponto, “[...] as instituições nunca desempenham uma função exclusiva para o chamado < sistema >, tal como um estado ou uma tribo; desempenham também uma função para com os seus membros” (ELIAS, 2008, p. 137). Cada uma dessas funções predominará conforme a maneira como ocorre o “equilíbrio” na distribuição de poder entre os indivíduos<sup>5</sup>.

## A sociologia configuracional

---

<sup>5</sup> O autor reconhece que ao longo da história da humanidade houve o que ele considera um “equilíbrio desigual de poder” (ELIAS, 2000, 2008).

A sociologia trata das pessoas; as interdependências que ocorrem entre elas são o seu problema central (ELIAS, 2008, p. 109).

Ao se investigar as sociedades, busca-se compreender como estas se diferem umas das outras e isso significa, também, estudar o que as tornam semelhantes, pois, estas duas preocupações são inseparáveis. Ironicamente, Elias constata que nós somos “[...] o objeto de investigação menos conhecido; somos tão ignorados no mapa dos conhecimentos humanos como os polos terrestres ou a face da lua” (ELIAS, 2008, p. 33). Dessa forma, o objetivo do conhecimento está em se deparar com relações entre fatos reais onde, as teorias seriam modelos de relações observáveis (ELIAS, 2008).

Na tentativa de sair do pensamento “metafísico” (mágico e fantasioso) para o científico, acabamos caindo na “desumanização” das estruturas sociais. Como primeiro passo para superar esses obstáculos evolutivos da sociologia, precisamos direcionar nossa compreensão para as transformações mutuamente interligadas das relações humanas e não somente em uma esfera. Isso será possível através da “re-humanização mental” de todos os conceitos desumanos utilizados para caracterizar o “desenvolvimento”. Reconhecendo, assim, os seres humanos que compõem esses conceitos e relações (ELIAS, 2008).

Os sociólogos precisam compreender que os resultados das interações humanas e dos comportamentos individuais não são controlados por estes. Isso significa percebermos a ausência de significados e de finalidade, aceitando a mecânica cega dos acontecimentos. É através da investigação sistemática que se poderá “dominar” e “dar sentido” a estes acontecimentos – ausentes de finalidade e significado – que são as “interconexões funcionais” (ELIAS, 2008).

As teias de interdependência que permeiam as relações sociais, são compreendidas gradualmente por outros domínios que correspondem a vida; como o domínio químico, físico e biológico. Essa afirmação nos auxilia na compreensão da “dinâmica das interconexões sociais” sem cair em explicações fantasiosas e mágicas e tampouco nas que cabem as ciências exatas. Da mesma forma o autor relata a importância da empiria e da teoria, de cientistas dedicados ao “estudo geral da ciência” e outros ao “estudo específico”. Assim, as características comuns estruturais de aquisição científica do conhecimento não podem ser descobertas

sem que se tome em consideração a totalidade do universo científico, atendendo-se à multiplicidade das ciências. (ELIAS, 2008).

O autor visualiza e propõe o trabalho da ciência como algo atravessado por interconexões, compreendendo não como campos fechados como já ocorreu com as divisões disciplinares e que segundo ele, continuará ocorrendo dentro da sociologia (ELIAS, 2008). O questionamento sociológico, seria no sentido de compreender quais seriam ou são essas características biológicas. Um ótimo exemplo apresentado se refere aos padrões comportamentais de uma criança que, segundo ele, não só podem, mas que devem 'evoluir' através da aprendizagem de novos comportamentos para que a criança possa sobreviver, ou seja, ela precisa ser capaz de se ajustar a situações mutáveis.

A aprendizagem de novos padrões comportamentais nessa dependência com os outros, ocorrem pela observação de sinais e pela linguagem, pois, as formas de falar e pensar de uma sociedade somente poderão durar se forem "comunicáveis". A fala é tida como um ajustamento social necessário para o ser humano. O que define e determina a linguagem do indivíduo é a sociedade no qual ele se desenvolve. Os motivos pelo qual são tão duradouros os modos de falar e de pensar se encontra na "natureza social", pois, para que possam concretizar o seu objetivo, precisam ter comunicabilidade (ELIAS, 2008). Os padrões de comunicabilidade sofrem mudanças, são mutáveis, assim como toda a teia de interdependência humana nas sociedades que se utilizam deles como forma para comunicar e coagir. Neste processo, procura-se muito lentamente alargá-los para que não percam sua função de comunicabilidade.

Para Elias, a teoria sociológica carece de expressões linguísticas, pois, utilizamos conceitos estáticos para nos expressamos a respeito de "coisas" que se encontram em movimento; numa "redução processual" (ELIAS, 2008). Um exemplo evidente desta atitude está na investigação de manuais sociológicos que apresentam a ideia de "objetos isolados e parados", quando tratam de pessoas que se moveram constantemente em diálogo com outras pessoas.

O próprio conceito de sociedade tem características de objeto isolado em estado de repouso, assim como o conceito de natureza. O mesmo acontece com o conceito de indivíduo. Em consequência, tendemos sempre a fazer distinções conceptuais sem sentido, tais como <o indivíduo e a sociedade>, o que leva a pensar que <o indivíduo> e a <sociedade> são duas coisas separadas como mesas e cadeiras ou tachos e painéis. Podemos sentir-nos enredados em

longas discussões sobre a natureza das relações entre dois objetos aparentemente separados. E, no entanto, a um outro nível de consciência, podemos saber perfeitamente que as sociedades se compõem de indivíduos e que os indivíduos só podem possuir características especificamente humanas tais como capacidades de falar, pensar, e amar *nas e pelas* suas relações com as outras pessoas – <em sociedade> (ELIAS, 2008, p. 123).

Os exemplos são apresentados pelo autor com o intuito de nos convencer a olhar de maneira crítica às estruturas do discurso e do pensamento que foram herdadas. Mostrando-se úteis na investigação das teias de interdependência humanas e sua mutabilidade nas relações entre o eu e o outro. Para Elias (2008), essa mutabilidade surgiu a partir de uma mudança “evolutiva”. Ela não significa caos, mas designa um tipo de ordem.

Criticamente Elias considera que os problemas de desenvolvimento sociais são de grande relevância para a sociedade e que teorias que julgam essas mudanças como expressões de “desordem”, “[...] roubaram-nos a possibilidade de um contato mais íntimo entre a teoria e a prática. [...] Mesmo o conceito de mudança social é muitas vezes usado como se se referisse a um estado fixo.” (ELIAS, 2008, p. 125-126) O estudo da sociologia precisa ver as “pessoas no plural” onde cada uma é “um processo aberto e interdependente”, caso contrário, é provável que nunca compreenderemos os “problemas da sociologia” se não visualizarmos as pessoas envolvidas com outras pessoas como se interligados em um jogo ou, em uma configuração.

Para Elias (2008) o conceito de configuração permite que se pense as interdependências enquanto tema central na teoria sociológica. O que faz com que as pessoas se liguem umas as outras e suas dependências recíprocas são problemas complexos, multifacetados e possuem aspectos singulares. Apesar disso, cabe-nos centrar em “numa ou duas formas de dependência” mostrando as mudanças que ocorrem nas interdependências conforme as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas.

Assim, a sociologia configuracional eliasiana, examina a origem e a constituição de configurações sociais como resultados não premeditados da interação social. Enquanto conceito, a configuração permite “[...] afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o <<indivíduo>> e a <<sociedade>> fossem antagônicos e diferentes.” (ELIAS, 2008, p. 141). Nela, ou por meio dela, a sociedade e sua cultura são vistas como uma

formação oriunda do conjunto dos seres humanos, que dela fazem parte, em uma pluralidade não planejada e, muito menos, pretendida por nenhum indivíduo em particular ou pelo conjunto dos indivíduos a ela ou nela situados.

### Considerações finais

Apesar de ter nascido ainda no século XIX, Norbert Elias se mostra um autor atual e suas elucubrações nos ajudam a conceber as sociedades enquanto indivíduos em constante movimento e interligados por suas configurações, ambos coexistindo sem se sobrepor. Utilizando-se das leituras de suas obras, constata-se que o autor se comprometeu com a superação de pensamentos “mistificados” e “fantasiosos” em busca de observações mais realistas dos fatos sociais.

Detalhista, Elias dedicou sua vida a fazer com que seus(suas) leitores(as) compreendessem-no. Não economizou em exemplos e detalhes ao longo de suas obras, mostrando-se, inclusive, redundante em alguns momentos. Para o autor, a teoria e a empiria precisam caminhar juntas, fortalecendo-se na investigação sociológica. Reconhecendo que as interações humanas também são feitas por fatores biológicos, químicos e psicológicos, que vão além dos limites das disciplinas isoladas.

Por fim, a visão eliasiana nos permite ver que as interações sociais são modeladas pelo equilíbrio tenso e frágil entre indivíduo e sociedade. Os indivíduos são processos vivos e em constante mudança comportamental através de novos aprendizados assimilados pelo *habitus*, mas que também, possuem possibilidades limitadas de escolhas enquanto “eu” e no qual as consequências não podem ser premeditadas neste interim com as sociedades. Seu pensamento, expresso na teoria configuracional, nos guia criticamente pelas formas reducionistas, dicotomizadas e estáticas de pensar a sociedade. Recomendando-nos a superar as dificuldades linguísticas que fazem parte do “desenvolvimento” da sociologia.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CERRI, Luis Fernando; SILVA, José Alexandre. "Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional". *Revista Linhas*, Florianópolis, [v. 14], n. 26, jan/jun, 2013, p.171-198.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. *Norbert Elias por ele mesmo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. [v. 1.] Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. [v. 2.] Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

KOURY, Guilherme P. "Emoções e sociedade": um passeio na obra de Norbert Elias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 79-98, jul./dez, 2013, Editora UFPR.

ORTIZ, Renato. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber*. Itajaí: Univali, 2006.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa. São Paulo: UNB, 1999.